



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

## MATERIALISMO HISTÓRICO: APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS

DANCINI, Alex de Novais (PG), UEM, alexdancini@hotmail.com

PEREIRA MELO, José Joaquim, UEM, jjpmelo@hotmail.com

**RESUMO:** Este texto tem por objetivo apresentar algumas considerações acerca do método desenvolvido por Marx e Engels, denominado materialismo histórico. Ao longo do texto, tem-se o objetivo de historicizar o desenvolvimento da teoria materialista da história, e isso, justamente pelo fato de que o referido método tem sua gênese na busca que Marx e Engels, sobretudo Marx, tiveram para compreender o surgimento, o desenvolvimento e a possibilidade de superação do modo de produção capitalista. O pensamento Marx-engelsiano e as lutas do proletariado europeu do século XIX frente à classe burguesa se complementam, de modo que analisando atentamente o movimento real da história daquele período, os dois se comprometeram em produzir uma teoria que fosse capaz de servir como instrumento de compreensão e ação prática para a emancipação da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, buscar-se-á, também, mostrar a ruptura que a filosofia de Marx e Engels estabeleceu em relação à filosofia idealista e a implicação desta nova maneira de compreender a realidade para a luta emancipatória do proletariado.

**Palavras-chave:** Capitalismo. Proletariado. Materialismo Histórico.

### 1 A HISTORICIDADE DO PENSAMENTO DE MARX E ENGELS

Neste texto será apresentado o contexto histórico no qual a obra de Marx e Engels se desenvolve, mostrando sua historicidade e o seu envolvimento direto com a luta do proletariado revolucionário. Será possível perceber a atenção que Marx e Engels prestam ao movimento real da história, buscando contribuir para que o proletariado adquirisse uma consciência de classe, por meio de uma teoria científica da sociedade moderna, sua posição antagônica em relação à burguesia. Buscar-se-á também apresentar a ruptura que o pensamento desses dois teóricos, sobretudo Marx, estabelece com a filosofia idealista, implicando em um novo modo de compreender a realidade.

A obra de Marx (1818 – 1883) e Engels (1820 – 1895) deve ser entendida como uma teoria que é produzida em um momento histórico em que a classe operária já se colocava objetivamente como classe antagônica à burguesia industrial. Ou seja, as contradições do modo de produção capitalista tornaram-se evidentes aos olhos da classe trabalhadora, que



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

assumiu seu papel enquanto classe revolucionária e empreendeu duras batalhas contra os poderes econômicos e políticos burgueses.

No entanto, é necessário perceber que a constituição do proletariado enquanto classe revolucionária não se dá de forma abrupta, nem idealista. Mas, as contradições existentes na esfera da produção, tornaram-se evidentes aos trabalhadores que, se no primeiro momento acreditavam ser possível eliminar as desigualdades sociais pelo diálogo com a burguesia, posteriormente, o proletariado irá entender que as contradições entre ele e a burguesia só podem ser eliminadas por uma revolução social. Marx e Engels fazem parte desse desenvolvimento da consciência crítica revolucionária do proletariado do século XIX.

No ano de 1844<sup>1</sup>, Marx escreve um texto que ficou conhecido como *Glosas Críticas Marginais ao artigo "O Rei da Prússia e a Reforma Social"*. De um Prussiano, respondendo à análise de Arnold Ruge (político alemão que fazia parte dos hegelianos de esquerda). Nesse texto, Marx analisa a revolta dos tecelões da Silésia<sup>2</sup>, e criticando a teoria burguesa que buscava legitimar o discurso da sociedade da igualdade, na qual é possível pela individualidade superar qualquer obstáculo e "gozar a paz e respirar o ar puro" é enfático em afirmar:

Bom ar puro a atmosfera pestilencial das habitações nos pardieiros ingleses! Grande beleza da natureza os fantasiosos trapos com que se vestem os pobres ingleses e a carne mirrada e enrugada das mulheres roídas pelo trabalho e pela miséria; as crianças que jazem no esterco; os abortos provocados pelo excesso de trabalho no uniforme mecanismo das fábricas! E os graciosíssimos últimos detalhes da prática: a prostituição, o crime e a força! (MARX, 2011, p. 143)

Os primeiros textos de Marx e também de Engels já trazem uma dura crítica à ideologia burguesa e uma proposta radical de superação do Capital. Nesse período (1843-1844) são produzidos os textos: *Sobre a Questão Judaica*, *Manuscritos econômicos e filosóficos*, e *Glosas críticas ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social"*. De um

---

<sup>1</sup> Há uma grande discussão no campo do marxismo sobre a existência de um Marx "jovem", aquele dos primeiros escritos de 1843 até 1848, e de um Marx "maduro", referente ao Marx d'O Capital. Compartilhamos, junto com Ivo Tonet, Sérgio Lessa, José Paulo Netto e outros, da idéia de que não há uma ruptura no pensamento de Marx, mas sim uma teoria que desde a sua gênese já traz conceitos que o acompanharão ao longo dos seus escritos, de modo que, claramente, recebem uma explicitação maior ao passo que Marx aprofunda suas reflexões sobre a sociedade burguesa.

<sup>2</sup> Em junho de 1844, havia eclodido na Silésia, província alemã, uma revolta dos trabalhadores na tecelagem contra as péssimas condições de trabalho e os baixos salários. Os operários haviam destruído máquinas, livros comerciais e títulos de propriedade. Sua ira voltara-se contra industriais e banqueiros. Esse fato teve uma grande repercussão na Alemanha e até no exterior, pois representava um primeiro gesto público de revolta do proletariado alemão.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

*prussiano*. Os escritos de Marx e Engels têm por fundamento, portanto, uma perspectiva de classe, nesse caso, o proletariado.

É nessa perspectiva teórica que os dois vão produzir até o fim de suas vidas. O Materialismo Histórico surgiu em um momento especial, mas também sangrento para a classe trabalhadora. Especial porque se configurou como um momento em que o proletariado historicamente se conscientiza do seu papel revolucionário, e sangrento porque no momento em que se contrapõe de modo incisivo à burguesia, é que se travam as batalhas em que milhares de trabalhadores (homens, mulheres e crianças) tombam frente ao poder armado burguês. Marx e Engels, mas sobretudo Marx, com sua vasta produção teórica, procuram colocar a ciência, o conhecimento científico à serviço da emancipação humana. A análise que Marx faz da sociedade capitalista (obra *O Capital*), mostrando sua gênese, desenvolvimento e a possibilidade de sua superação, é uma maneira de oferecer à classe trabalhadora um conhecimento científico útil à luta pela emancipação humana.

## 2 MARX E ENGELS E A LUTA DA CLASSE TRABALHADORA

Devido à especificidade do texto, o que será apresentado aqui sobre as revoluções proletárias se resume à França. No entanto, os conflitos da França representam um movimento de sublevações da classe operária que toma todo o continente europeu na segunda metade do século XIX.

Fazendo um retrospecto histórico extremamente sintético, é possível perceber, pelos próprios escritos de Marx, que o proletariado encampou lutas ao lado da burguesia (1830 e 1848)<sup>3</sup>, na busca de maior liberdade política e melhorias sociais, ainda não compreendendo que não havia como compor politicamente com a burguesia, uma classe de interesses políticos e econômicos completamente opostos aos do proletariado.

---

<sup>3</sup> A revolução de 1830 é o evento burguês que derruba a dinastia dos Bourbons e a burguesia coloca Luis Felipe no trono francês como seu representante. O governo de Luis Felipe foi desastroso para parte da burguesia e para todo o proletariado, acentuando a miséria e levando à falência industriais pequeno-burgueses. Em 1848, estoura a revolução em Paris e Luis Felipe é destituído do poder, tendo fim o governo monárquico, cujo substituto foi um governo provisório composto por representantes das várias frações da burguesia e até por dois representantes do proletariado, Louis Blanc e Albert.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Após a Revolução Francesa, a Europa conviveu com inúmeras revoltas ao longo do século XIX, e em todas elas, o proletariado esteve presente, implacável e resistente. No primeiro momento, a classe operária compunha com a burguesia francesa, é o caso das revoluções de 1830 e 1848. Embora lutando com a burguesia, o que ocorreu nessas duas revoluções serviram para que o proletariado pudesse, historicamente, perceber seu antagonismo em relação à classe burguesa. E é historicamente que Marx percebe o desenvolvimento do proletariado e a própria percepção deste como classe revolucionária protagonista na luta contra a burguesia. Analisando, por exemplo, a revolução de fevereiro de 1848, escreve Marx que “[...] a classe operária francesa (...) era ainda incapaz de levar a cabo a sua própria revolução” (2008, p. 76).

No entanto, os embates levaram o proletariado a um nível cada vez maior de oposição à burguesia que se constituía, ainda que fragmentada, num poder político e econômico consolidados. E a classe operária, percebendo que suas reivindicações eram impossíveis de serem concedidas pela burguesia, ao passo que significavam, em alguns casos, uma ameaça à ordem estabelecida, teve que se posicionar de modo radical. A esse respeito escreve Marx:

[...] aos operários não restava escolha: ou morriam de fome ou iniciavam a luta. Responderam em 22 de junho [1848] com a imensa insurreição na qual se travou a primeira grande batalha entre ambas as classes em que se divide a sociedade moderna. Foi uma luta pela manutenção ou destruição da ordem burguesa. O véu que encobria a república rasgou-se. (MARX, 2008, p. 92)

Pela análise de Marx, o proletariado francês só teve condições históricas de perceber seu lugar na sociedade moderna após a revolução de fevereiro de 1848, e quando percebeu - “O véu que encobria a república rasgou-se!” -, tratou logo de se impor e assumiu seu papel de classe revolucionária e anti-burguesa. A violência repressiva da burguesia espalhou sangue proletário em uma batalha sangrenta em Paris, e o proletariado foi vencido pelas forças reacionárias, na insurreição de junho. A constatação praticamente imediata de Marx, registrada em um artigo da *Neue Rheinische Zeitung* (Nova Gazeta Renana)<sup>4</sup>, dá-nos uma medida do que esse confronto representou para o operariado revolucionário:

---

<sup>4</sup> Marx trabalha pela primeira vez na Gazeta Renana, um jornal de Colônia, cidade onde morava, em 1842-1843. Ao abordar temas caros daquele momento como os delitos florestais e o parcelamento da propriedade fundiária, Marx vai angariar influentes opositores no governo da Província Renana, ao ponto de o periódico ser fechado. Em 1 de junho de 1848, Marx e Engels fundam a Nova Gazeta





# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

[...] a Paris da burguesia se iluminava e a Paris do proletariado ardia, gemia e se esvaía em sangue. (...) Ordem! Troava a sua [de Cavaignac, comandante do exército parisiense] metralha ao despedaçar o corpo dos proletários. Nenhuma das numerosas revoluções da burguesia francesa desde 1879 fora um atentado contra a ordem, pois todas deixavam de pé a dominação de classe, a escravidão dos operários, a ordem burguesa, muito embora a forma política dessa dominação e dessa escravidão mudasse. Junho tocou nessa ordem. Ai de ti junho! (MARX, 2008, p. 922-93)

Seguindo sua trajetória histórica, o proletariado parisiense - mas que de certa forma representa todo o proletariado europeu - faz sua própria revolução em 1871, quando toma as armas em suas mãos e reage à invasão do exército prussiano. Sobre a Comuna, diz Marx:

Na madrugada de 18 de março, Paris acordou com o rebentamento do trovão “vive la commune”. (...) A antítese direta do império foi a Comuna. O grito de “república social” com o qual a revolução de fevereiro (1848) foi anunciada pelo proletariado de Paris não fez mais que expressar uma vaga aspiração por uma república que não apenas havia de pôr de lado a forma monárquica da dominação de classe. A Comuna foi a forma positiva dessa república. (MARX, 2008, p. 402)

Na Comuna, o proletariado faz tremer as bases burguesas, ao comandar, por pouco mais de dois meses, o poder político do Estado, que, durante esse pouco tempo, foi um Estado proletário. Para Engels, “[...] é a Comuna de Paris que encerra esse período” em que a classe operária se constitui em *classe para si*. E continua Engels, no prefácio ao texto de Marx sobre as lutas de classes na França de 1848 a 1850: “[...] mais uma vez se provava que em Paris já não era possível outra revolução que não a proletária” (MARX, 2008, p. 48).

Em 1830, Marx tinha doze anos de idade e Engels apenas dez. Foi somente na década seguinte que os dois se encontram (1844) para se tornarem grandes amigos e para produzirem uma vasta obra teórica que até hoje influencia a luta dos trabalhadores de todo o mundo. O envolvimento prático com o movimento operário pode ser percebido, dentre outras coisas, pela filiação dos dois na “Liga dos Comunistas”. Envolvidos nas discussões acerca dos conflitos operários da época e exercendo papel de primeiro plano na organização do segundo congresso da Liga (Londres, novembro 1847), Marx ficou responsável pela redação de um texto que se tornou uma das principais obras da literatura

---

Renana, tendo Marx como redator-chefe. Porém, Marx é expulso da Prússia e tem de ser exilar em Londres. A publicação do jornal é interrompida em 9 de maio de 1849.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

marx-engelsianas, o *Manifesto do Partido Comunista*. Embora somente Marx tivesse ficado com a responsabilidade de redigir o documento, Engels se juntou a ele para sua redação.

A publicação do *Manifesto Comunista* (23 ou 24 de fevereiro de 1848)<sup>5</sup> ocorreu na iminência de a revolução irromper em Paris<sup>6</sup>, tal era o envolvimento dos dois amigos alemães com a luta proletária. É importante notar que Marx e Engels, antes da revolução de 1848, já haviam publicado obras<sup>7</sup> em que abordavam temas como a divisão do trabalho e a alienação (que tem sua raiz na propriedade privada), contrapondo-se, dessa forma, à Economia Política Clássica, e circunscrevendo, a partir de então, sua teoria acerca do comunismo, a sociedade do *humanismo real* (NETTO, 2009, p. 23). Portanto, suas inserções no movimento operário revolucionário ocorreram desde as primeiras reflexões filosóficas, econômicas e políticas, o que nos possibilita afirmar que a obra de Marx e Engels não deve ser separada de suas atividades práticas revolucionárias, junto ao proletariado. Desse modo, para Netto:

A adesão de Marx e Engels ao movimento operário, assim, era mais que uma opção política: era um imperativo de sua concepção teórica. Uma teoria social assentada numa ontologia do ser social que credita ao trabalho o fundamento da socialidade não tem no proletariado um elemento externo e contingente: identifica nele o sujeito concreto de sua razão de ser (NETTO, 1998, p XXVIII).

A trajetória percorrida neste tópico mostra a complementaridade entre a luta revolucionária do proletariado e a obra de Marx e Engels. As análises das experiências revolucionárias e das condições objetivas de uma classe trabalhadora explorada, levam Marx e Engels a desenvolverem uma teoria materialista da história, contrapondo-se à filosofia idealista, ao passo que propõem uma *filosofia da práxis*, na qual a classe trabalhadora tem, por sua natureza, a função de libertar-se das amarras do modo de produção que significa sua exploração e alienação.

No ano de 1843, Marx escreve um texto que ficou conhecido como *Glosas Críticas ao artigo O Rei da Prússia e a Reforma de um Prussiano*, respondendo à análise de Ruge. Nesse texto, Marx analisa a revolta dos tecelões da Silésia, e criticando a teoria burguesa

<sup>5</sup> De acordo com José Paulo Netto, “[...] nos começos de fevereiro de 1848, o documento (de cujo original só se conservou uma página, manuscrita por Marx) é enviado à sede da Liga (dos Comunistas), em Londres, e provavelmente a 23 ou 24 do mesmo mês sai da pequena tipografia de J. E. Burghard a primeira edição, com três mil exemplares em alemão” (NETTO, 1998, p. XV).

<sup>6</sup> “Na madrugada de 24 de fevereiro de 1848, a revolução irrompeu em Paris” (NETTO, 1998, p. XVI).

<sup>7</sup> Desse período, destacam-se “Os Manuscritos Econômicos e Filosóficos” (1844) e “Miséria da Filosofia” (1847), ambos de Marx. Em 1845 é publicada “A ideologia alemã”, juntamente com Engels.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

que buscava legitimar o discurso da sociedade da igualdade, na qual é possível pela individualidade superar qualquer obstáculo e “gozar a paz e respirar o ar puro” é enfático em afirmar que as causas do pauperismo dos trabalhadores não foram atacadas em sua raiz:

Como se vê, a Inglaterra tentou acabar com o pauperismo primeiramente através da assistência e das medidas administrativas. Em seguida, ela descobriu, no progressivo aumento do pauperismo, não a necessária consequência da indústria moderna, mas antes o resultado do imposto inglês para os pobres. Ela entendeu a miséria universal unicamente como uma particularidade da legislação inglesa. Aquilo que, no começo, fazia-se derivar de uma falta de assistência, agora se faz derivar de um excesso de assistência. Finalmente, a miséria é considerada como culpa dos pobres e, deste modo, neles punida. (MARX, 2011, p. 146).

Vale lembrar que não é apenas pela existência histórico-concreta que o proletariado se constitui enquanto classe revolucionária. Se assim o fosse, colocaríamos em xeque toda a teoria marx-engelsiana acerca da historicidade do ser social, pois admitiríamos que o aspecto revolucionário de uma classe estaria pressuposta na consciência dos indivíduos que dela participam, antes mesmo de sentirem as contradições reais que determinam sua posição na sociedade moderna. É preciso, antes de tudo, que se compreenda o que está em jogo nos confrontos empreendidos entre as classes, e Marx e Engels apontam para a historicidade desse desenvolvimento de um proletariado que se reconhecia como *classe em si* e que, a partir das contradições históricas, foi capaz de tornar-se *classe para si*. Com sua teoria, Marx e Engels explicitaram, no plano das ideias, as contradições do real, formulando uma teoria materialista da história.

### 3 A RUPTURA COM A FILOSOFIA IDEALISTA

A teoria marx-engelsiana se ergue praticamente sobre três pilares fundamentais, e a partir dos quais é possível notar a ruptura teórica empreendida por Marx e Engels. Trata-se, portanto, da filosofia clássica alemã; do socialismo utópico; e da Economia Política Clássica<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> “Filosofia clássica alemã (notadamente o método dialético de Georg W. F. Hegel [1770-1831]; a crítica social dos pensadores utópicos (especialmente Charles Fourier [1772-1837] e Robert Owen [1771-1858]); e a Economia Política Clássica” (NETTO, p. 24, 2007).



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

No que tange a Hegel, Marx e Engels sempre reconheceram a grandiosidade de sua filosofia, de modo que, segundo Lênin, “Marx e Engels viam na dialética de Hegel a mais vasta, a mais rica e a mais profunda doutrina da evolução, uma imensa aquisição da filosofia clássica alemã” (2001, p. 19). No entanto, a filosofia de Hegel estava de cabeça para baixo, compreendendo o desenvolvimento da história humana a partir da história do desenvolvimento das ideias. Se para Hegel o princípio da contradição e da dialética existia, ele valia apenas para o mundo das ideias, a partir do qual emanava toda a realidade. Na Contribuição à Crítica da Economia Política, ao fazer a crítica ao método da economia política clássica e apresentar sua maneira de operar com a totalidade e com conceitos historicamente situados, diz Marx sobre Hegel:

Assim é que Hegel chegou à ilusão de conceber o real como o resultado do pensamento que se absorve em si, procede de si, move-se por si; enquanto o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo mentalmente como coisa concreta. (MARX, 2008, p. 259)

Ao empreender a crítica aos ideólogos alemães<sup>9</sup>, Marx e Engels estavam justamente, como afirma Marx, “[...] acertando as contas com a nossa [dele e de Engels] antiga consciência filosófica” (MARX, 2008, p. 49), pois era notável a ruptura que os dois implementavam na filosofia, na maneira de compreender o homem e a história. Se a dialética hegeliana existia no desenvolvimento da história das ideias e estas determinavam o desenvolvimento da história dos homens, Marx e Engels invertem a lógica de Hegel. Para eles, o homem é quem determina sua própria história, a partir de determinantes reais e concretos, resultados de relações de produção determinadas. O homem se faz a si mesmo. E se faz nas contradições da vida real, de modo que as ideias são o real pensado, transposto para a consciência, e não o contrário, como afirmava Hegel.

É justamente nesse ponto que reside a ruptura radical de Marx e Engels com a tradição filosófica idealista existente até então. Dirá Marx que para compreender o homem é necessário analisá-lo em suas determinações materiais, nas relações que este estabelece com outros homens na constante produção da sua vida material.

---

<sup>9</sup> De modo específico e contundente, essa crítica se encontra na obra intitulada “A ideologia Alemã”, em que Marx e Engels apresentam a crítica à filosofia de Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner. “Entre setembro de 1845 e maio de 1846, Marx (em nova colaboração com Engels) redige *A Ideologia Alemã*, cuja primeira publicação é póstuma (1932) e que comprova o trânsito de Marx ao comunismo, concluindo sua definição básica como teórico e revolucionário” (NETTO, 2009).





# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A primeira parte de *A Ideologia Alemã* é toda ela uma crítica a Feuerbach. São quase 100 páginas em que Marx e Engels apresentam os conceitos sobre os quais trabalharam para desenvolvê-los até o final de suas vidas<sup>10</sup>. É neste trecho em que poucas vezes os dois filósofos se propuseram a indicar o método a partir do qual investigavam a sociedade burguesa. Na realidade, o conteúdo dessas quase 100 páginas foi estruturado de uma forma que é ela mesma a indicação do método. Verifica-se uma análise em que é possível perceber como os dois revolucionários operam o método de investigação/interpretação da realidade.

O método materialista histórico não se resume a um certo número de procedimentos formais, de técnicas de investigação. Por isso mesmo é que não se encontra na obra marx-engelsiana uma descrição de passos para investigação, como é possível encontrar em outros teóricos.

Assim, o entendimento do referido método dar-se-á a partir de uma formulação que sintetiza todo o trabalho analítico empreendido por Marx e Engels e que está mais ou menos explícito na primeira parte de *A Ideologia Alemã*. “Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu” (MARX e ENGELS, 2007, p.94). Lançar mão do método materialista histórico para investigar qualquer que seja o objeto de pesquisa é ter como ponto de partida o entendimento de como os homens produzem sua vida material. Assim, não se considera que exista uma consciência (ideia) *a priori* que determina a existência humana, mas, pelo contrário, a existência humana está determinada pelo modo como o homem se organiza para produzir os bens materiais (e espirituais) necessários a sua existência. No Modo de Produção Capitalista, os homens se produzem sob a forma do *trabalho assalariado*. Nessa perspectiva, “[...] não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47). E ainda:

Do mesmo modo que não se julga o indivíduo pela idéia que de si mesmo faz, jamais se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. É preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças sociais e as relações de produção. (MARX, 2008, p. 48)

Para se entender melhor como Marx chega à compreensão de que o homem é o artífice da história e que essa mesma história será, portanto, aquilo que o homem fizer de si

---

<sup>10</sup> Pode-se citar aqui os conceitos de Trabalho, Ser Social, História, Propriedade Privada, Luta de Classes, Sociedade Civil, Estado, Divisão social do trabalho, Revolução, Comunismo, entre outros.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

mesmo, é necessário trazer aqui a categoria trabalho<sup>11</sup>. De uma importância central na teoria de Marx, o *trabalho* aparece como o ato fundador do ser social, sendo apenas por meio desta atividade criadora, que o homem se (re)cria constantemente, ao relacionar-se com a natureza<sup>12</sup>, e dela, retirar aquilo que lhe é necessário para se manter vivo. Opondo-se qualitativamente ao animal que se relaciona com a natureza de maneira instintiva, o homem tem a capacidade de antecipar em sua consciência o fim da atividade (o trabalho) a que se propõe desenvolver<sup>13</sup>. Portanto, o homem cria a partir daquilo que a humanidade já produziu historicamente.

Desse modo, na perspectiva materialista histórica, a história humana está isenta de qualquer aspecto determinista ou presa a algo como o destino, por exemplo. Para Marx e Engels, a história da humanidade é um campo aberto para o fazer humano, sempre tendo em vista que esse fazer é histórico e não ocorre de um modo aleatório, à revelia humana.

No entanto, o homem faz sua história a partir de relações sociais que lhe são independentes (MARX, 2008, p. 47), uma vez que esse “fazer história” depende de como está organizada a produção da vida, ou seja, como está organizado o *modo de produção*. Este é um aspecto básico e central para entender o método Materialista Histórico, pois é a partir da maneira como o homem satisfaz a sua primeira necessidade, ou seja, manter-se vivo, que Marx procura entender as demais relações existentes na sociedade. É nesse sentido que a esfera econômica tem uma importância central no método materialista histórico, pois as demais dimensões da vida humana como a política, a arte, a educação etc, são decorrências de como o *trabalho* de produzir a vida está organizado.

## 4 CONCLUSÃO

---

<sup>11</sup> A categoria trabalho será desenvolvida de maneira mais profunda no tópico a seguir.

<sup>12</sup> Esta relação com a natureza deve ser compreendida historicamente. No capitalismo, por exemplo, a relação entre homem e natureza é totalmente descontrolada, tendo como principal fim, o lucro. Em outras épocas, em que a produção material da vida social se dava de modo diferente, esta relação se configurava, também, de uma maneira diferenciada.

<sup>13</sup> Produzir um machado, por exemplo. Antes de o fazer, o homem cria uma imagem do objeto final em sua mente. Ou seja, antecipa em sua cabeça aquilo que quer produzir objetivamente. Portanto, o homem manipula a seu modo elementos naturais, a pedra e a madeira. A mediação entre o homem e a natureza é feita pelo *trabalho*. Portanto, o trabalho foi fundamental para que o homem fosse deixando sua condição de animal e se tornasse um ser manipulador da natureza, tornando-se um ser social na medida em que suas criações (objetos, conhecimento, etc.) foram sendo coletivizadas com outros homens.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A filosofia de Marx e Engels deve ser compreendida a partir da inserção desses dois teóricos na luta do proletariado do século XIX. E é nesse sentido que uma teoria materialista da história se justifica, pois considera o homem como sujeito de sua própria história e o proletariado como classe revolucionária. O pensamento marx-engelsiano surgiu em um período determinado da história, mas ainda se configura como uma teoria que oferece elementos para uma compreensão da essência do atual modo de produção. A partir dessa compreensão, é necessário revolucionar a forma de trabalho alienadora do modo de produção capitalista e, por extensão, todas as outras dimensões da vida humana.

No Modo de Produção Capitalista, os trabalhadores produzem os bens necessários à vida humana sob a *apropriação privada dos meios de produção*. Ocorre, portanto, que a produção do Capital (as riquezas produzidas) que é social torna-se propriedade privada nas mãos de uma pequena parcela da sociedade, fato que imputa um aspecto de desigualdade desde a base produtiva dessa sociedade. A sociedade capitalista é composta, portanto, por aqueles que produzem riqueza, mas dela não se apropriam, e por aqueles que, por serem donos dos meios de produção (os burgueses) exploram os trabalhadores, se apropriando da riqueza por eles produzida. A socialidade do Capital funda-se nesse antagonismo.

Nesse sentido, para Marx e Engels, a compreensão do real (a investigação de qualquer fenômeno) deve ocorrer de modo dialético e não mecânico; de modo histórico e não natural, de maneira que os fenômenos estudados estejam em íntima relação com a totalidade que os integra. Os conceitos analisados devem ser compreendidos como parte de uma história dinâmica e não estática, tampouco como conceitos abstratos descolados da realidade histórica de cada época. Assim, toda interpretação, parte das relações que os homens estabelecem entre si na produção material de suas vidas, relações estas que independem de sua vontade (consciência pura).

## REFERÊNCIAS

BRAZ, M.; NETTO, J. P. **Economia política**: uma introdução crítica. 3 Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LENIN, V. **As três fontes**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Miséria da filosofia**: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon. Trad. José Paulo Netto. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. **A revolução antes da revolução**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. Glosas Críticas Marginais ao artigo "O Rei da Prússia e a Reforma Social. De um Prussiano. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 142-155; fev. 2011.

NETTO, J. P. Elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista. In: MARX, Karl, Engels, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.